



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA - CESP
CURSO DE LICENCIATURA LETRAS

MATEUS SOUSA PEREIRA DA SILVA

**A RETÓRICA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA NO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO
AOS PEIXES**

Presidente Dutra - MA
2020

MATEUS SOUSA PEREIRA DA SILVA

**A RETÓRICA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA NO SERMÃO DE SANTO
ANTÔNIO AOS PEIXES**

Monografia apresentada ao Curso de Letras
Português da Universidade Estadual do
Maranhão-UEMA, Centro de Estudos
Superiores de Presidente Dutra/CESPD como
pré-requisito para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Jonh Jefferson do N. Alves.

Silva, Mateus Sousa Pereira da.

A retórica de Padre Antônio Vieira no Sermão de Santo Antônio aos Peixes / Mateus Sousa Pereira da Silva. – São Luís, 2020.

37 f

Monografia (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Me. John Jefferson do Nascimento Alves.

1.Retórica. 2.Recursos retóricos. 3.Persuasão. I.Título.

CDU: 82-5.09

MATEUS SOUSA PEREIRA DA SILVA

**A RETÓRICA DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA NO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO
AOS PEIXES**

APROVADA EM:_____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

Professor Orientador
Jonh Jefferson do Nascimento Alves
Mestre em Letras - UERN

EXAMINADOR 1

EXAMINADOR 2

DEDICATORIA

Aos meus caríssimos professores Abraão Barbosa Cândido, Maria Elizabeth Vieira Pereira, Maria Zulaneide Soares de Oliveira e Arielson Tavares dedico o presente trabalho. Sou muito grato ao meu Deus por tê-los postos em minha vida, pessoas que acreditaram na minha evolução profissional e que não pouparam esforços para que ela deixasse de ser apenas um sonho de um rapaz do interior.

Gostaria de aqui também, dedicá-lo a Virgínia Lucena, a quem o tempo e a convivência, sempre permeada de respeito e orientação, rendeu-lhe o tratamento de tia Virgínia, uma pessoa a quem estimo muito e a quem devo muito, principalmente no que diz respeito às conquistas até aqui empreendidas.

Sou grato a Deus por tudo, e orgulho-me muito de todos eles, pois sei que estarão para sempre escritos em minha biografia, como aqueles que me influenciaram, fizeram-me crer que os sonhos são possíveis e que não existe demérito algum em pedir ajuda quando necessário. Hoje posso afirmar que eles são presentes de valor inestimável em minha vida, enviados por Deus. Assim a recíproca é verdadeira, só vim tão longe porque subi nas costas de gigantes.

AGRADECIMENTO

Não foram poucos ou mesmo pequenos os desafios até aqui enfrentados, mas assim como mar calmo não produz bons marinheiros, analogamente, foram os complexos desafios que permearam esta jornada que nos tornaram capacitados para enfrentarmos as barreiras com que havemos de nos depararmos, quando da iminente prática docente tornar-nos atores.

Desse modo, agradeço a Deus por nos abençoar com a razão, a que nos distingue dos demais animais, e grato às problemáticas estou, também, por oportunizar nelas o exercício daquela. Esses foram anos cujas palavras de ordem, progresso, evolução, transformação deram tonalidades novas as telas das nossas intelectualidades, quando aprendemos o verdadeiro sentido do “só sei que nada sei” e finalmente aprendemos e apreendemos o valor implicado ao “parar para pensar”.

Agradeço aos meus queridos professores Antônio Neto, Arielson Tavares, Eliana Pereira de Carvalho, Jonh Jefferson do Nascimento Alves e nas pessoas deles agradecer a todo o corpo docente pela contribuição que jamais poderá ser estimada. A todos vocês eu presto o meu muito obrigado.

“A persistência é o caminho do êxito.”

Charles Chaplin

RESUMO

O presente trabalho busca objetivar uma análise do Sermão de Santo Antônio aos Peixes de modo a identificar os recursos retóricos aos quais Padre Antônio Vieira lançara mão no processo de construção de seu texto. É desse modo que esta pesquisa bibliográfica pode ser subdividida em dois blocos, o primeiro incumbir-se-á do entendimento do momento histórico e cultural vivido pela sociedade da época, portanto tratará do contexto histórico, da estética barroca corrente no período, e do dicotômico modo de fazer literário, conceptismo e gongorismo. O segundo voltar-se-á para análise dos recursos que devem ser compreendidos como elementos que fazem do sermão em questão uma obra de teor retórico, isto é, retórica; assim a biografia, a estrutura do texto, a alegoria e a linguagem serão aqui trabalhados como elementos que servem ao orador neste processo sistêmico, versado de uma lógica cortante, estruturado em uma sintaxe moderníssima que caracteriza os sermões vieirianos. Todos esses elementos hão de ser arrolados nesta pesquisa e trabalhados separadamente para a melhor compreensão do que se busca, e, de certa forma, descreve os caminhos que se devem percorrer quando o que se intenta alcançar com a escrita, for um texto persuasivo, convincente e dinâmico.

Palavras-chaves: Retórica, Recursos retóricos, Persuasão.

ABSTRACT

The present work seeks to objectify an analysis of the Santo Antônio Sermon to the Fishes in order to identify the rhetorical resources that Padre Antônio Vieira had used in the process of building his text. It is in this way that this bibliographic research can be subdivided in two blocks, the first one will be in charge of understanding the historical and cultural moment experienced by the society of the time, therefore it will deal with the historical context, the baroque aesthetic current in the period, and the dichotomous literary way of doing, conceptism and gongorism. The second will focus on the analysis of resources that must be understood as elements that make the sermon in question a work of rhetorical content, that is, rhetorical; thus, the biography, the structure of the text, the allegory and the language will be worked here as elements that serve the speaker in this systemic process, versed in a cutting logic, structured in a very modern syntax that characterizes the Viemasian sermons. All of these elements must be listed in this research and worked separately for a better understanding of what is sought, and, in a way, describes the paths that must be followed when what one tries to achieve with writing is a persuasive, convincing text. and dynamic.

Keywords: Rhetoric, Rhetorical resources, Persuasion.

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO.....	
2 CONTEXTO HISTÓRICO.....	
3 UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA: O Barroco.....	
3.1 Conceptismo e Gongorismo.....	
4 OS OLHARES DA <i>RETÓRICA</i> DE PADRE ANTÔNIO VIEIRA.....	
4.1 A biografia de Padre Antônio Vieira em Massaud Moisés.....	
5 A ESTRUTURA DO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES.....	
5.1 A Alegoria no <i>Sermão de Santo Antônio aos Peixes</i>	
5.2 Linguagem e estilo no <i>Sermão de Santo Antônio aos Peixes</i>	
6 CONCLUSÃO.....	
REFERÊNCIAS.....	

1 INTRODUÇÃO

Valendo-se do *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*, uma das preciosidades daquele que, segundo o grande poeta português Fernando Pessoa deveria ser conhecido como “imperador da língua portuguesa” Padre Antônio Vieira; a presente pesquisa bibliográfica intenta analisar os recursos retóricos aos quais o orador lançara mão, quando da construção de seu famoso sermão.

Quem está à procura das razões pelas quais se justifica a escolha do orador jesuíta, encontrá-las-ão no desenrolar do trabalho, caso mesmo a referência ao nome do autor luso-brasileiro já não o tenha feito. Muitos e tais são os louvores a ele imputados, o que em si já respaldaria a escolha aqui feita, quer no que tange ao libertador empenhado na busca de almas, o que fizera travar batalhas que estavam acima das suas batinas, quer nas habilidades de um exímio orador que a si, soubera subordinar as palavras, tornando-as tais quais armas afiadas tão letais quanto os materiais bélicos o eram nos campos de batalhas disponibilizados, assim, a sua escolha mostra-se para lá de justificável.

As primeiras páginas desta produção, no entanto, ocupam-se em cobrir os acontecimentos que cruzaram e influenciaram os eventos ocorridos no século XVI e XVII, tanto aqueles que os antecederam quanto os que a eles, foram seus contemporâneos. Por isso, será dado amplo espaço à discussão do contexto histórico, da estética vigente e das peculiaridades que ancoraram e caracterizaram o fazer literário da época.

É indispensável frisar que esses segmentos hão de desempenhar importantes papéis para o entendimento e delineamento dos diversos perfis sociais do período em questão, contribuindo também, de forma inevitável, para o esclarecimento das circunstâncias que tornaram o recorte histórico no momento perfeito para a circulação das ideias que configuraram e deram forma à estética barroca, assim como pautaram a discussão entre as correntes – *Gongorismo* e *Conceptismo*, temas de irrefutável relevância em se tratando da criação literária.

Os recursos retóricos, assunto que intitula e norteia esta pesquisa, só serão tratados após o desenvolvimento das temáticas supracitadas, quando serão, de maneira sistêmica e objetiva, arrolados os segmentos tratados por este trabalho como mecanismos retóricos. Para isso, há-se de tomar cada um deles

separadamente, para melhor desenvolvê-los um a um, de modo que atendam aos anseios desta produção.

Desse modo, hão de ser trabalhados a biografia de Padre Antônio Vieira, visto que, como se verá mais a frente, desempenhará papel importantíssimo, principalmente no que tange à constatação da efetividade das ideias as quais ele se tornara arauto. A estrutura do sermão, uma vez que a ela, atribui-a Aristóteles, após análise dos textos de sua época, o caráter revelador na hora de categorizar uma determinada produção como retórica ou não. Assim, haver-se-á a necessidade de dispensá-la também muita atenção e cuidado, visto que toca, e, não de maneira leve, os interesses e objetivos aqui propostos.

O emprego da alegoria, que consubstanciada a genialidade do padre jesuíta, torna o Sermão de Santo Antônio aos Peixes em um magnífico espetáculo de transposições semânticas, avizinhamentos frasais e aproximações vocabulares, de uma maneira tão original e tão eloquente, a suscitar reações diversas em seu público a.

Finalmente linguagem, que se poderia considerar, dentre os recursos, o mais importante deles, se não pelo seu caráter histórico conservador, deverá sê-lo devido à maneira como fora concebida, pois expusera à época padrões que a ela causava estranheza, a brincar com a significação vocabular e a enlouquecer a sintaxe. É dessa maneira que este trabalho propõe-se analisar os recursos retóricos.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do Céu. Isso asseverava o escritor do livro bíblico de Eclesiastes no seu capítulo 03 e no versículo 01. Assim os acontecimentos históricos parecem se desenrolar de maneira a utilizarem-se dos mais diversificados cenários, valendo-se das mais adversas circunstâncias, a guiarem seus personagens por ambientes hostis, e muitas vezes de modo arbitrário, a figurarem papéis por demasiados importantes, conduzindo suas ações, que não podem ser equivocadas, visto o do roteiro principal, ao momento no qual todas as partes hão de se unir e constituir o todo, quando o espetáculo alcança seu clímax, e os fatos, seu tempo determinado.

O resultado de tudo isso, deverá ser encarado como objeto de estudo sobre o qual se debruçarão todos aqueles cujos prazeres consistam em desbravar fatos passados acoplados sob a designação de história. E como todos os acontecimentos relevantes, assim como os que não o são, parecem achar o tempo e as circunstâncias adequadas para os seus desdobramentos debaixo do céu, por conseguinte, serão as eventualidades do século XVI que esquematizarão e hão de dar curso às revoluções apercebidas no homem do século XVII.

É, pois, fundamental entender que houve uma espécie de apropriação das ideias que circularam no século XV por parte do século XVI, quando ocorre a invenção da imprensa e conseqüentemente há a recuperação e a tradução de autores humanistas, fato que favorece à circulação de novas ideias pela Europa, e torna possível a substituição gradativa do ensino religioso pelo ensino laico nas universidades. Assim, afirma Emília Amaral (2016):

Os ideais renascentistas, cultivados na Itália desde o século XIV, tornaram-se novidade em Portugal a partir da terceira década do século XVI, divulgados pelo poeta Francisco de Sá Miranda. (AMARAL, 2016, p.33)

Sobre a postura adotada pela sociedade, ao menos no que diz respeito à burguesia emergente, enxergara na cultura, não mais monopólio exclusivo da Igreja, a real possibilidade do acesso às camadas de prestígio, as quais ela infelizmente

não poderia concorrer de outra forma, posto que não possuíam nem os títulos, nem tampouco o sangue, atributos indispensáveis para tal.

As descobertas científicas só reafirmavam ainda mais a postura racionalista assumida até então, pois à proporção que lançava ao descrédito os ideários medievais, nitidamente colocava em evidência o abismo que separavam os dois mundos, este de bases antropocêntricas dando preferência a abordagens racionalistas, aquele caracterizado pelo misticismo, de alicerces teocêntricos. Pois no dizer de Massaud Moisés, 2008:

Em lugar do teologismo de antes, entram em voga correntes de índole pagã, fruto duma sensação de pleno gozo da existência, provocada pela vitória do Homem sobre a natureza e seus “assombramentos”: não mais a volúpia de ascender para as alturas, mas sim de estender o olhar até os confins da terra. (MOISÉS, 2008, p. 66-67)

Juntar-se-á a tudo isso as ideias envoltas da Reforma Protestante (1517), quando reformistas liderados por Martin Lutero defendiam a diminuição do poder papal, propuseram que todos tivessem acesso à leitura do Livro Sagrado, e conclamavam a Igreja ao retorno da simplicidade do evangelho.

A contrarreforma (1545), como resposta imediata a isso, pusera em curso um conjunto de medidas que visavam inviabilizar que tais ideias “heréticas” circulassem pelo continente europeu, disso resultara também a criação da tão afamada “Santa Inquisição”, aparelho de perseguição e tortura voltados a todos aqueles que ousassem agir como porta-voz dos ideais protestantes.

Uma vez que todos esses elementos já entraram em cena, tem-se então perfeitamente delineados e esquematizados os cenários e as circunstâncias que servirão de sustentáculos das ações e comportamentos do século XVII. É imprescindível ter em mente, portanto, que será justamente a crise implantada no interior do homem, posto que tão cruelmente dividido está entre os apelos da carne e os do espírito, sem que, contudo, a nenhum deles possa se opor, pois está a época em si imersa nestas questões, que haverá de vir à luz o barroco, e com ele uma das estéticas mais emblemáticas, marcadamente configurada pela oposição evidenciada entre duas correntes ideológicas que se cruzavam naquele momento, isto é, antropocentrismo e teocentrismo.

3 UM POUCO MAIS DA HISTÓRIA: O Barroco

Em Portugal, o barroco já se fizera sentir mesmo antes que o século XVII houvesse iniciado, episódios como o desaparecimento do rei D. Sebastião, 1578 em Alcácer-Quibir, a morte do grande cantor das grandezas portuguesas, Luís Vaz de Camões em 1580, Massaud Moisés (2008), mesmo ano que fora consumado o domínio espanhol sobre Portugal resultando na União Ibérica sob a regência de Felipe II, soberania essa que há de se prolongar até o ano de 1640, quando o trono português passava as mãos da dinastia Bragança. Todos esses acontecimentos, à uma, de certa forma, sinalizavam para aquele período de constante embate que permearia todo o século XVII estendendo-se até meados do século XVIII.

Era dado, portanto, a largada em direção ao desconhecido, inusitado, complexo e destoante modo de fazer literário entendido como Barroco, sendo até mesmo anacrônica tal designação naquele espaço temporal, visto que a configuração semântica do vocábulo era atrelada a uma pérola irregular. À medida que as bem-aventuranças realizadas pela nação, isto é, a tomada de Ceuta (1415), que culminara com a abertura da rota marítima às Índias (1498) e finalmente a descoberta do Brasil (1500) Massaud Moisés (2008) seguiam o curso inevitável de se tornarem passados, não restando muito a se dizer ou fazer-se sobre isso.

O Barroco, ou Seiscentismo, tal qual também pode ser nomeado, desabrocha em uma época marcada por contradições e dúvidas existencialistas, devido principalmente às ideias que circulavam naquele contexto. Há de se ter em mente que a Igreja católica, é de forma indiscutível uma das figuras imprescindíveis para o entendimento do momento cultural daquela sociedade. Atente-se para o fato da instituição eclesiástica vir sendo alvo de questionamentos desde a disseminação das ideias renascentistas, sofrendo grandes perdas de adeptos e simpatizantes com a Reforma Protestante. Ao mesmo tempo em que buscava boicotar os efeitos maléficos dessa, que se fizeram sentir pela Instituição catolicista como todo, também visava propagar o catolicismo pelas terras recém-descobertas. Assim é que postara um time de homens compromissados cuja principal missão era catequizar novas almas. A Companhia de Jesus representa, portanto, claramente o seu esforço na tentativa de dar a volta por cima, e, é desse modo que para Massaud Moisés (2008) “o Barroco tornou-se a arte da contrarreforma, visto as características básicas do

movimento estético servirem aos desígnios doutrinários e pedagógicos da Igreja na luta antirreformista.”.

Em Portugal, devem ser encarados como marco deste momento os anos de 1580 (morte de camões e início da União Ibérica). Já no Brasil, acontecimentos como o incremento da política de colonização, o estabelecimento na Bahia de engenhos de cana-de-açúcar que culminara com Salvador, capital do Brasil naquela altura, constituindo-se como núcleo populacional e cultural são circunstâncias muito relevantes. Não deixando de fora o fato de ter sido Salvador a dar à luz a um Gregório de Matos Guerra, e a ordenar o mais famoso orador dentro da Padre Antônio Vieira, cuja obra, “Sermão de Santo Antônio aos Peixes” será estudado a frente.

Contudo seu marco em terras brasileiras consta do ano de 1601, quando da publicação de Prosopopeia de Bento Teixeira. Assim é que o barroco começa a sua atuação no Brasil, dando início a um longo período temporal de bastante conflito, dicotomias, paradoxos e antíteses que caracterizará o fazer literário do século XVII, e isso principalmente devido aos objetivos almejados, pois no entendimento de Massaud Moisés (2008):

O Barroco procurou conciliar numa síntese utópica a visão do mundo medieval, de base teocêntrica e a ideologia clássica, pagã, terrena, antropocêntrica. No amalgama entre orientações tão opostas e à primeira vista mutualmente repulsivas, havia inevitável troca de posições, de forma que se operaria a espiritualização da carne, e a correspondente canalização do espírito. Em resumo, punha-se todo o empenho em conciliar o claro e o escuro, a matéria e o espírito, a luz e a sombra, visando anular, pela unificação a dualidade do ser humano, dividido entre os apelos do corpo e os da alma. (MOISÉS, 2008, p. 111)

Não se pode ignorar também que ainda segundo o autor, o barroco fora primeiro manifesto nas artes plásticas, sendo, pois, a pintura, escultura e a

arquitetura, mas que as demais formas de arte, responsáveis por traduzirem a busca de conciliação que ia em seu interior. Desse modo continua dizendo Massaud Moisés (2008):

O belo-feio, a linha torta, o excesso de pormenor, o desenho que foge do ponderado, do “razoável” o jogo do claro-escuro em que a

sombra ocupa lugar preponderante, são a par de todas as novidades formais, meios de exprimir a procura da síntese das tendências opostas no homem e na cultura. (MOISÉS, 2008, p.114)

O Barroco é, pois, contradição, desequilíbrio, instabilidade, é a angústia existencial de uma sociedade claramente afetada pela utópica tentativa que visava consubstanciar correntes ideológicas que não se faziam somente opostas, contrárias, dicotômicas, mas que se combatiam, chocavam-se, recusavam-se mutuamente a coexistirem uma em face da outra.

Seu núcleo forjado pela contradição entre antropocentrismo e teocentrismo, fazia com que todos, indistintamente, respirassem densos ares, e impunha àqueles cujos prazeres se relacionavam ao suave deslizar de suas penas sobre o papel, a árdua missão de capturar em seus escritos a emblemática, desconcertante e turva época cujas produções seriam mais tarde organizadas e categorizadas sob a designação de Barroco. É a estética que se iniciou pelas artes, que se fez ecoar por todos os lados, assumindo formas distintas em lugares diferentes, mas que jamais perdera a sua essência, calcada no desequilíbrio, assentada na efusão de questionamentos que se faziam atemporais, a respeito do bem e do mal, santo e profano, certo e errado, mas que evidenciados como nunca, pela sociedade do século XVII.

3.1 Conceptismo e Gongorismo

Em se tratando do campo da literatura, o Barroco, como que sempre a privilegiar o embate travado entre duas ideias destoantes, a propor uma atmosfera marcadamente dualista, evidenciada pelo contraste entre dois contrapontos ideológicos, concebe o fazer literário de duas maneiras. A primeira calcada em uma linguagem metafórica extremamente rebuscada optava nas mais das vezes, por construções frásicas de alta complexidade, sugerindo esquemas imagéticos de difícil compreensão, deu-se o nome de Gongorismo, uma vez que fora em Gôngora, poeta espanhol, que tal método tinha sido concebido. Segundo Massaud Moisés (2008), no que diz respeito aos adeptos:

Eles buscavam cultivar uma linguagem rebuscada, preciosa, ornamental. E para alcançá-la, consideravam de bom tom o emprego de neologismos, hipérbatos, trocadilhos e todas as demais figuras de sintaxe que tornavam o estilo pesado e alambicado. (MOISÉS, 2008, p.112)

É dessa forma que também se compreende o fato de ter sido encarado como cultismo. Em contrapartida, ao exagerado excesso de pormenores e amplo uso de imagens sensitivas, posto que advindas da exploração dos mais diversos sentidos é que havia de se levar em consideração o conceptismo.

Destarte, ele (conceptismo) caracterizava-se pelo sutil, eficiente, magistral e envolvente modo pelo qual conduzia e expunha seus raciocínios, fazendo-o de forma a explorar todas as possibilidades e efeitos semânticos das palavras, como alguém que parava a contemplar a superfície cristalina das águas, e não se contentava em ser mero observador do brávia ondular das ondas oceânicas, mas sim como quem compreendia racionalmente, que se fazia preciso, e ainda, necessário mergulhar para desvendar o mundo que aí por baixo, o oculto, o irrefletido.

A lógica conceptista entendia as palavras como unidades semânticas capazes de apreender vários sentidos, logo quanto melhor conhecidos eram seus sentidos melhores haviam de serem explorados. Era estruturado de modo a dar sentido ao conceito de agudeza, lançando mão da inteligência e de princípios racionais facilmente detectáveis, pois organizava-se levando em considerações os seus objetivos, convencer, influenciar e ensinar.

A título de explicação dessa lógica conceptista, sirva a referência feita ao padre Antônio Vieira por Massaud Moisés (2008):

Para um homem ver a si mesmo são necessárias três coisas: Olhos, espelho e luz. Se tem espelho e é cego não se pode ver por falta de olhos; se tem espelho e olhos, e é de noite, não se pode ver por falta de luz. Logo há mister luz, há mister espelho, e há mister olhos. (MOISÉS, 2008, p.113).

Conceptismo era, portanto, um modo de fazer literário movido por processos sistêmicos e dinâmicos, bem estruturados, armados de uma lógica formal que acima de tudo se fazia clara, objetiva, compreensível, sobretudo quando se considerava

que visava a adesão e convencimento do público a qual se direcionava. E fora precisamente por servir ao ensino, persuasão que tão nítido se tornaram os porquês de, segundo Massaud Moisés (2008), tê-lo sido tão explorado pelos jesuítas da companhia de Jesus (1545- 1563), aliando-se ao barroco e sendo entendida como ferramenta fundamental no que tange à contrarreforma. Quanto ao seu principal representante, há de ser destacado Quevedo.

4 OS OLHARES DA *RETÓRICA* DE PADRE ANTONIO VIEIRA

Uma vez que já não mais se ignoram os fatos relacionados ao contexto histórico, assim como as características do movimento literário em questão, passar-se-á ao trato do tema principal que move esta pesquisa. Ou seja, a análise dos recursos retóricos utilizados pelo padre Antônio Vieira em seu “Sermão de Santo Antônio aos Peixes”. Desse modo é que se torna indispensável fazer, antes de mais nada, algumas ponderações sobre a origem da Retórica, assim como entender como e quando surgiram as primeiras preocupações envolvendo-a no processo de criação de textos de fortes traços retóricos.

É fundamental que se deixe claro que falar sobre retórica implica necessariamente acessar os postulados aristotélicos, visto que seus escritos são, por todas as maneiras, o que possibilita a melhor compreensão do assunto, tanto no que diz respeito à “Retórica Clássica” quanto à “Retórica Moderna”. De modo geral, a persuasão deve ser entendida como palavra chave em todo o desvelamento deste processo.

Segundo Adilson Citelli (2004), foi primeiramente na tradição clássica, precisamente na Grécia, onde se evidenciaram, nitidamente as preocupações com a tarefa da persuasão. Isso, segundo o autor, porque entre os gregos, o domínio da expressão verbal em sua vertente oratória possuía enorme importância, devido essencialmente ao fato do meio pelo qual a democracia era por eles exercida; pois tinham que expor em público suas convicções, de modo convincente para que pudesse obter a adesão dos espectadores às ideias defendidas.

Ainda conforme Adilson Citelli (2004), eram esses motivos que amparavam os porquês da “larga tradição dos sofistas, dos retores, dos tribunos, aqueles que iam às praças públicas, aos foros, e intentavam inflamar multidões, alterar pontos de vista a mudar conceitos pré-formados”. Assim é que, de certa forma, fora à medida que se tomavam consciência de que havia a possibilidade de se utilizar a linguagem como aliada nos quesitos; influenciar, convencer e moldar comportamentos ou mesmo, implantar novas ideias, que já a retórica em si, insinuava-se. Parece justo então salientar que foi justamente quando a “expressão verbal” passara a ser compreendida como dispositivo tão mais eficiente para persuadir quanto o era a espada para derramar sangue em campos de batalhas, desde que, é claro, fosse

habilmente manejada por seu superintendente, que a disciplina assumia as suas características e delineava seu campo de atuação.

Demóstenes, Quintiliano e Górgias são alguns dos principais autores cujas obras apresentam destaque pela relevância no que interessa a retórica, todavia, conforme Adilson Citelli (2004) é a Aristóteles que deve ser atribuído o papel de um dos primeiros sistematizadores da teoria do discurso, e/ou que embora não tenha sido ele o autor da retórica, fora ao autor de “Arte Retórica” legado o mérito de analisar os discursos de seu tempo, constatando a existência de certos elementos estruturais, comum a todos eles, indicando como os estudos retóricos poderiam contribuir no entendimento dos mecanismos da persuasão. Desse modo é que, segundo Adilson Citelli, (2004)

A retórica tem, para Aristóteles, algo de ciência, ou seja, é um corpus com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para produzir persuasão. [...] ou como afirma Aristóteles: “Assentemos que a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar persuasão[...]. (CITELLI, 2004, p.10)

E para que não se pense que tal processo apontado por Aristóteles fora feito fora de sistema ou de maneira não minuciosa, leve-se então em consideração o que afirma Levi Condinho, (2005):

[...] como observa Edward Corbett, a Retórica de Aristóteles não é um produto da mera idealização de princípios nascidos com ele e por ele convencionado para persuadir a convencer outras pessoas. É, sim, o produto da experiência de hábeis oradores, a elaboração resultante da análise das suas estratégias, a codificação de preceitos nascidos da experiência com o objetivo de ajudar outros a exercitarem-se corretamente nas técnicas de persuasão. (CONDINHO, 2005, p.16)

Portanto, dizer que este trabalho intenta proceder a uma análise dos recursos retóricos valendo-se do sermão de Santo Antônio aos Peixes para tal, significa inevitavelmente assumir a responsabilidade de mergulhar no universo textual e pôr em evidências os recursos aos quais o autor recorrera com a finalidade de criar a

persuasão, ou melhor, pôr em evidência os dispositivos empregados por ele que fazem do seu sermão um texto retórico.

4.1 A biografia de Padre Antônio Vieira em Massaud Moisés

Segundo Levi Condinho (2005):

Os meios artísticos de persuasão são três: os derivados do caráter do orador; os derivados da emoção despertada pelo orador nos ouvintes; e os derivados de argumentos verdadeiros e prováveis. (CONDINHO, 2005, p.35)

Desse modo a abordagem dada aqui ao construtor do Sermão de Santo Antônio aos Peixes, há de cumprir a sua missão no que diz respeito à retórica.

Padre Antônio Vieira nasceu em Lisboa, a 06 de fevereiro de 1608. Aos seis anos de idade, fora trazido ao Brasil, onde ingressa no colégio jesuítico da Bahia e 1623 na companhia de Jesus, ordenando-se em 1634, Massaud Moisés (2008). A verdade é que desde o momento que foram evidenciados seus talentos como orador, a sua atenção é dividida entre a Europa e as colônias portuguesas. É desse modo que 1640 se direciona à metrópole portuguesa, Massaud Moisés (2008), e hipoteca lealdade ao novo rei D. João IV, quando seu talento como orador alcança seu apogeu, o que faz com que ele ganhe prestígio junto à corte, de que resulta ser enviado em missão diplomática a Haia, Paris e Roma, muito embora não tenha tido êxito em nenhuma delas.

De uma compaixão e uma sensibilidade para com todos aqueles que de alguma forma ou de outra eram estigmatizados, ou desumanamente tratados, que além de eclesiástico, travara muitas batalhas que iam muito à frente dos limites da batina sacerdotal. Assim é que em 1652, Massaud Moisés (2008), encontra-se no Brasil, precisamente no Maranhão em trabalho de catequese e conversão dos indígenas, ao mesmo tempo em que denuncia os abusos e os desmandos dos colonos e administradores, provocando-os a ponto de se rebelarem.

Ainda a respirar ares brasileiros, prega, no ano 1654, o Sermão de Santo Antônio aos Peixes em São Luís do Maranhão, momento em que escondido atrás

das batinas, põe às claras todo um sistema corrupto, injusto e distribuidor de misérias que se evidenciava ali. Tudo através da sua famosa alegoria aos peixes, só mais tarde retornando à metrópole portuguesa, no ano 1661, quando havia transcorrido 5 anos da morte de D. João. Fora acusado pela Inquisição, por vaticinar o Quinto Império no qual o poder temporal caberia a nação portuguesa e o espiritual ao papa, por isso teve a má experiência de ver-se impedido de exercer o seu ministério, por oito anos, ao fim dos quais almeja alcançar sua liberdade, ocasião na qual vai a Roma, e consegue a revisão de seu processo condenatório, quando também se torna orador oficial do salão da Rainha Cristina, da Suécia, Massaud Moisés (2008). É sob o pesado fardo de sentir-se impotente diante aos maus tratos dispensados pela Inquisição aos novos cristãos convertidos, que retorna ao Brasil definitivamente 1681, passando seus anos finais na preparação e publicação de seus Sermões, morrendo a 18 de junho de 1697, Massaud Moisés (2008).

Leve-se uma vez mais em consideração as palavras de Massaud Moisés (2008):

“Assistido por inquebrantável dinamismo, o Padre Vieira pensou todas as questões candentes em seu tempo e procurou agir praticamente para lhes dar rumo compatível com aquilo que julgava correto, numa linha de coerência que por si só explica a vastidão da sua obra e da sua ação mental e política. Neste segundo aspecto, destaca-se a campanha em favor dos escravos, dos indígenas e, por fim, dos judeus, bárbara e desumanamente torturados pela Inquisição.” (MOISÉS, 2008 p.115 e 116)

Às vezes, é possível separar alguém daquele que pode ser encarado como o seu chamado na vida, tal prodígio é declaradamente impossível em Vieira, pois ele foi a todo momento resultado das ideias que empunhava, postara todos os seus talentos a serviço de sua missão eclesiástica, não se desviando fosse para evitar atrito, fosse para agradar às altas personalidades da sociedade maranhense. Foi antes de mais nada “Um forte”, embora muitas vezes vencido, mas ao menos jamais ousara ser insincero ou desonestos para como os princípios que professava. E como categoricamente afirma Massaud Moisés (2008):

“Se outros pregadores de nomeada houve (e houve-os, em Portugal e no Brasil, como Antônio de Sá, Eusébio de Matos) nenhum dos que lhe aproveitaram a lição foi capaz de equipara-se a ele no talento, nos transes da vida, na atuação em favor dos desprotegidos e na relevância da obra: é, com toda justiça, a figura mais exponencial do Barroco, sem favor nenhum.” (MOISÉS, 2008, p.119)

É importante afirmar que se considerarmos o caráter do autor como um aspecto importante no processo de construção da persuasão, como segundo Aristóteles realmente deve ser encarado, poder-se-á, portanto, afirmar-se sem nenhum medo de se ser incoerente que Padre Antônio Vieira não pecara quanto a este quesito também, pois ele era, irrefutavelmente, um exemplo de vivência cristã e de cumprimento das regras religiosas. E isso testifica tão claramente a História, fora íntegro, coerente com aquilo que pregava, ético, um moralista que soube colocar o ser humano acima de todo e qualquer interesse materialista. Se, contudo, ao final não se convertera o seu público, de forma alguma se deve atribuir isso a ausência de caráter do orador, mas sim a dureza, insensibilidade e apego às más virtudes por parte de suas ovelhas.

5 A ESTRUTURA DO SERMÃO DE SANTO ANTÔNIO AOS PEIXES

O Sermão de Santo Antônio aos Peixes, de Padre Antônio Vieira, foi pregado na capital São Luís, no dia 13 de junho de 1654, quando da comemoração de Santo Antônio. É aproveitando-se desse fato, inclusive, que Vieira decide à imitação de Antônio direcionar seu discurso aos peixes, pois:

Pregava Santo Antônio em Itália na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele e faltou por pouco para que não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo do grande Antônio? [...] mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai às praias; deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: Já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes[...] (VIEIRA, Cap.: I, 2019 p.79)

É precisamente por enfrentar problemas análogos aos do Santo, que padre Antônio Vieira decide insurgir-se contra os moradores do Maranhão por meio do Sermão de Santo Antônio aos Peixes, denunciando, repreendendo e condenando os vícios daquela sociedade pecadora, cujos corações se mantinham impenetráveis e insensíveis aos princípios cristãos, na qual se evidenciavam os mesmos dilemas apercebidos em Itália, na cidade de Arimino.

A priori, faz-se necessário esclarecer o modo pelo qual o sermão fora estruturado, principalmente ao se considerar que qualquer posicionamento contrário a este, poderia resultar em graves danos à compreensão do ponto de vista do que se pretende com esta investigação, correndo o risco de torna-la infrutífera, ou mesmo em uma missão fadada a fracassar. Desta feita, há de se recorrer as palavras de Massaud Moisés (2008) quando se referindo aos sermões, categoricamente afirmava:

Os sermões vieirianos seguem a estrutura clássica tripartite: Introito (ou exórdio) em que o orador declara o plano a utilizar na análise do tema em pauta; desenvolvimento (ou argumento) em que se apresentam os prós e os contras da preposição e os exemplos que as abonam; peroração, em que o orador finaliza a prédica conclamando os ouvintes à prática das virtudes que nela se enaltecem. (MOISÉS, 2008, p. 118)

Em consonância como Moisés Massaud, Adilson Citelli (2004), ao lançar mão da visão aristotélica quanto a tudo isso declarava que:

Ao longo da *Arte Retórica*, são reveladas as regras gerais a serem aplicadas nos discursos persuasivos. Para tanto, um dos mecanismos mais óbvios indicados por Aristóteles é o que fixa a estrutura do texto em quatro instâncias sequenciais e integradas; o exórdio, a narração, as provas e a peroração. (CITELLI, 2004, p.11)

São, pois esses princípios que nortearão a análise da estrutura do sermão de Santo Antônio aos Peixes. De modo geral, pode se salientar que o exórdio está para o gênero narrativo tratado, tal qual a introdução está para textos do gênero dissertativo, isto é, ambos têm a obrigação de comunicar aos seus leitores, com clareza, objetividade e precisão, aquilo que será tratado no decorrer do texto com o desenrolar da temática. Neste caso, sirva de exemplo o sermão aqui tratado.

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhe sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra não se deixa salgar. (VIEIRA, cap. I, 2019 p.78)

É assim também que, como afirmara Massaud, o padre vale-se do exórdio para declarar o plano a ser utilizado no tratado a temática, pois:

Se a Igreja quer que preguemos de Santo Antônio sobre o evangelho, dê-nos outro, *Vos estis sal terrae*: É muito bom texto para os outros santos doutores; mas Santo Antônio vem-lhe muito curto. Os outros Santos da Igreja foram sal da terra; Santo Antônio foi sal da terra e sal do mar. Este é o assunto que eu tinha para tomar hoje. Mas há muitos dias que tenho metido no pensamento que, nas festas dos santos, é melhor pregar com eles, que pregar deles. [...] isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo Antônio, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens não se aproveitam, pregar aos peixes. (VIEIRA, cap. I, 2019 p.79)

Como se pôde observar, o Sermão de Santo António aos Peixes, inicia-se exatamente com o exórdio, quando o autor demarca o seu conceito predicável “Vós sois o sal da terra”, e passa logo em seguida a revelar o plano a ser empregado na análise da temática. Dito isso, torne-se, portanto, à narração, ou desenvolvimento. Este tópico é de longe uma das partes mais importantes, em se tratando do gênero em exploração, posto que se dará início ao estudo pormenorizado dos argumentos que ampara a preposição, trecho ou frase, geralmente tirada da bíblia, sobre a qual se alicerça e se justifica a construção do sermão, no caso do Sermão de Santo António aos Peixes, Mateus 5:13.

Adilson Citelli (2004) ao recorrer a visão de Aristóteles afirmou sobre a narração.

É propriamente onde os fatos são arrolados, os eventos indicados. Segundo Aristóteles “O que fica bem aí, não é nem a rapidez, nem a concisão, mas a justa medida. Ora, a justa medida consiste em dizer tudo quanto ilustra o assunto, ou prova que o fato se deu, que constitui um dano ou uma injustiça, numa palavra, que ele teve a importância que lhe atribuímos”. É propriamente o andamento argumentativo. (CITELLI, 2004, pág. 12)

Este era o momento no qual o orador deveria fazer passar diante os olhos e ouvintes de seu público em linguagem clara, direta, e corrente, aí a depender de seus ouvintes, quer pela recorrência de fatos localizados no passado, quer pelo uso de circunstâncias e dados presentes, todos os argumentos que embasassem, fundamentassem e dessem suporte a questão. Tudo aquilo que pudesse agregar credibilidade e confiabilidade ao seu discurso, a ponto de levar os seus ouvintes a se convencerem da justiça das posições ali defendidas, e conduzisse-os, discursivamente, a prática das virtudes apontadas.

Ainda sobre o assunto, Anibal Pinto (1973) pontua que:

A narração deveria ser agradável e elegante; para conseguir tais qualidades, era necessário contar com agudeza, exprimir os pensamentos, motivos e fins dos fatos e intercalar coisas belas nas contrariedades menos agradáveis. Em qualquer caso, era de condenar minudências descritivas, sempre portadas de enfado. (CASTRO, 1973, pág. 125)

No Sermão de Santo Antônio aos Peixes, o momento é apercebido quando o orador começa a tecer elogios às virtudes dos peixes, capítulo II.

Começando, pois, pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos pudera eu dizer que entre todas as criaturas viventes e sensitivas, vós fostes as primeiras que Deus criou. A vós criou primeiro que as aves do ar, a vós primeiro que aos animais da terra e a vós primeiro que ao mesmo homem. (VIEIRA. Cap. II, 2019 p. 80)

E é finalizado no capítulo IV, quando ele passa a repreendê-los pelos seus vícios e maus costumes.

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que comeis uns aos outros. (VIEIRA, cap. IV, 2019 p.89)

Padre Antônio Vieira centrara toda a sua habilidade intelectual e todo seu poder argumentativo, que fundamentado em uma lógica discursiva conceptista se fazia irresistível e irrefutável até mesmo para o mais astuto ouvinte, na disposição desse momento. Isso tudo tão facilmente se nota ainda que em uma leitura superficial. Além de tratar de maneira inusitada o mundo oceânico em uma espécie de paralelo com o mundo humano, através de metáforas claras e comparações ele os aproximam provando ora por recorrência aos doutores da Igreja, ora por recorrência aos fatos bíblicos o quanto as suas ponderações são assertivas.

O orador não permite nem que por um instante sequer deslizar em sua narração, seus raciocínios são sempre fielmente encerrados de maneira a não abrir espaço para qualquer que seja a indagação, também nem por um momento se mostra indeciso ou pouco claro, seus argumentos que são sempre alicerçados a partir de fatos que os dão suporte fazem da sua narrativa uma verdadeira constatação de que é exatamente do jeito que o autor diz, não restando nenhum outro posicionamento senão a aceitação de seus raciocínios.

Poder-se-á conjecturar ainda, que existe uma profunda e intensa ligação entre “narração” e “provas”, posto que a primeira serve a segunda, pois é no andamento da narração que as provas hão de ser arroladas. Leve-se em consideração as

palavras de Adilson Citelli (2004), quando afirmara que “ é parte do discurso persuasivo a prova do que se diz. A credibilidade do argumento fica dependente da capacidade de provar a afirmativa”. Em todo caso foi através da recorrência ao texto sagrado, as referências feitas aos padres doutores da Igreja, que mais do que em qualquer outro momento, o Sermão de Santo Antônio aos Peixes assegurou o respeito e a observação deste quesito.

No que diz respeito à peroração, atentem-se para as palavras de Anibal Pinto, (1973):

O epílogo deveria, pois, conter uma sùmula dos pontos enumerados anteriormente, de modo a constituir uma consequência lógica da proposição e, por outro lado, ser tão claro que parecesse uma repetição dos argumentos já aduzidos. Para amplificar e mover os afectos-finalidade primacial do epílogo-, eram de excelente efeito algumas figuras especialmente destinadas a contribuir para a majestade e novidade do fecho do sermão, como a ironia, a exclamação, a interrogação e a apóstrofe. Se o movimento dos afectos já fora desencadeado no corpo do sermão, tínhamos o chamado epílogo ex-abrupto, mas impetuoso e contundente. (CASTRO, 1973, pag. 126)

Em relação ao Sermão de Santo Antônio aos Peixes, é precisamente o capítulo VI, que assume o caráter finalístico deste sermão. Nele, percebe-se, nitidamente o expressado acima, pois o orador, uma vez mais aproveita para tecer louvores finais aos peixes, e combater veementemente os vícios do povo daquela sociedade. Aproveita para incorrer a sua autocrítica e fazer mais algumas exortações aos peixes para que louvem a Deus, encerrando de uma vez por todas o seu sermão.

Assim, pode se afirmar que, no que diz respeito a estrutura do Sermão de Santo Antônio aos Peixes, segue nitidamente os critérios apontados por Aristóteles, exórdio, narração, prova e peroração, o que, de cara, prova que se trata de um sermão retórico.

5.1 A Alegoria no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*

O Sermão de Santo Antônio aos Peixes, foi tecido de modo a valer-se da alegoria como sua principal matéria, isso, logicamente, impõe a esta pesquisa a

responsabilidade de esclarecer o que é, e, com quais finalidades ela fora utilizada na construção do sermão. É desse modo que segundo Marcus Martinete (2011):

[...] É bom ressaltar que a maioria dos autores usa a noção de alegoria em dois sentidos: A alegoria como forma de composição poética-retórica (alegoria dos poetas) e a alegoria como forma de interpretação (a alegoria dos teólogos), no entanto, devido à própria origem da alegoria, grande parte dos estudos apresentam uma convergência das duas abordagens. (MARTINETE, 2011, p. 152)

Para que melhor se compreenda a diferença entre uma e outra, ter-se-á que levar em consideração o entendimento de João Adolfo Hansen (2006), posto que conforme o autor “A alegoria dos Teólogos” ou “A alegoria hermenêutica” diz respeito a uma técnica interpretativa apropriada pelos padres e teóricos da Igreja Católica na Idade Média, que visava a decifração das Sagradas Escrituras, a bíblia, pela transposição semântica entre eventos da realidade terrena e as verdades bíblicas. Assim, Adolfo Hansen (2006):

É a que se chamou “Alegoria dos teólogos”, recebendo muitas vezes as denominações de figuras figural, tipo, antítipo, tipologia, exemplo. A “Alegoria dos teólogos” não é um modo de expressão verbal, retórico-poética, mas, de interpretação religiosa de coisas, homens e eventos figurados em textos sagrados. (HANSEN, 2006, p. 8)

Já no que se refere à alegoria dos poetas, a que fora no sermão empregada, consiste na transposição semântica que ocorre entre elementos contidos no universo textual.

De modo geral, no que tange ao significado de alegoria, é melhor que se tenha em mente os apontamentos de Aristóteles em seu livro “A arte retórica poética” (1998) quando se agrupa as figuras que se particularizam pelo deslocamento de sentido e as definem como “metáfora” que “consiste na transposição de nome de uma coisa para outra, transposição do gênero para a espécie, da espécie para o gênero ou de uma espécie para outra por via da “analogia”. (1998 p.275)

Tal alteração de significado objetivada por meio da analogia ou semelhança, era para Quintiliano o que determinava o tropo, uma vez que ele as define nestes

termos “ A alegoria, que nós interpretamos inversão de sentido, é o que mostra uma coisa nas palavras e outra no sentido, e às vezes também o contrário (Quintiliano, 1944 p.121); ou seja, diz-se b para significar a, disso pode-se inferir que a compreensão do termo alegórico implica na retirada do véu figurativo por parte de um dos constituintes do discurso(emissor-receptor).

Tendo em vista os trechos acima retirados da produção textual “Vieira e a Alegoria dos Teólogos e do Renascimento” e uma vez que o sermão tratado, assenta-se sobre a alegoria dos poetas, faz-se indispensável, afins de ilustração, ver como isso funciona na prática.

Perceba como inicia o trato dos vícios dos peixes:

E começando aqui pela nossa costa: no mesmo dia que eu cheguei a ela, ouvindo os roncadores tanto me moveram o riso quanto como a ira. É possível que sendo vós uns peixinhos tão pequenos, haveis de ser roncador do mar?! Se, com uma linha de coser e um alfinete torcido vos pesca um aleijado, por que haveis de roncar tanto? (VIEIRA, cap. V, 2019 p.95)

Note-se que as características do peixe acima, remetem, basicamente a fatos que podem ser tão claramente observados na sociedade maranhense, quando indivíduos que apesar de não ocuparem tão elevadas posições, ou não elevada de forma alguma, portam-se de maneira tão desdenhosa e excludente com seus semelhantes, a julgar, grosso modo, tivessem com o rei na barriga. Sendo o barulho produzidos por eles, o sinal evidente do orgulho, altivez e apatia que reinava em seus corações, que à propósito era bem grande, como grande era o barulho por eles produzidos, causava a ira e o riso porque contrastava com o seu pequenino porte. Perceba como a sua descrição e características são feitas de maneira a induzir o ouvinte a notar as mesmas semelhanças existentes entre o peixinho roncador, e os diversos roncadores que se moviam naquela sociedade.

Atente-se para o modo como o Padre continua seu sermão e introduz outros peixes.

Pegadores, chamam-se estes de quem agora falo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegam a outros maiores, mas de tal sorte lhes pega aos costados que jamais os desferram. (VIEIRA, 2019, p.96)

Observem a que peixe o orador recorre para exemplificar esta relação.

Rodeia a nau o tubarão na calmaria da linha com seus pegadores às costas, tão cerzidos com a pele que mais parecem remendos ou manchas naturais, que os hóspedes ou companheiros. Lançam lhes um anzol de cadeia com a ração de quatro soldados, arremessa-se furiosamente à presa. Corre meia campanha a atá-lo acima, bate fortemente no convés com os últimos arrancos, enfim, morre o tubarão, e morre com eles os pegadores. (VIEIRA, 2019, p.96)

Tome-se a figura do tubarão como a metáfora para o vice-rei, ou governadores da sociedade do maranhense do século XII, e tenha os donos de terra, fazendeiros ou comerciantes como seus pegadores, isso feito, tem-se então perfeitamente representada a situação acima descrita pelo padre. Perceba que a relação entre o tubarão e seus pegadores correspondem ao típico comportamento social praticado na sociedade do maranhão, ainda que não haja nenhuma referência explícita a ela. Desse modo tubarão e pegadores, representam de forma clara a subserviência, o oportunismo e o parasitismo social que impregnava não somente o mar, mas principalmente a terra. Ele, por meio de sua exposição argumentativa, faz com que todos os maranhenses contemplem, julguem e tenham consciências de que tais comportamentos indignos e perigosos revelados nos peixes, figurativamente representavam suas próprias atitudes, ou seja, diz B, para significar A, e ainda, diz em B para significar em A.

Finalmente Vieira lança mão de seu último exemplo.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão polvo, contra o qual tem suas queixas e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O polvo com aquele seu capelo na cabeça, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinho, parece a mesma brandura e mansidão. E debaixo dessa aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os dois grandes Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o mais traidor do mar.(VIEIRA, cap. V, 2019 p.100).

Quando aponta os defeitos do caráter do polvo, e note-se a proximidade gráfica e fonética estabelecida entre os vocábulos Polvo e Povo, Vieira faz destilar diante dos olhos e dos ouvidos de seus espectadores, através de metáforas claras, os males dos quais padeciam a sociedade maranhense, quer fosse porque o sal

não salgasse, quer fosse porque a terra não se deixasse salgar, viviam corrompida na prática de pecados que mais pareciam a eles virtudes, então vale-se dos atributos do polvo, para condenar no povo a dissimulação, a falsidade e ausência de integridade por ele praticada.

Usa a alegoria como um instrumento retórico cortante, afiadíssimo, fundamentado na lógica que diz b para significar a, e ainda mais, diz, em b (peixes) para significar em a (homens). Tudo isso numa linguagem que se mantém distante de raciocínios turvos, enfadonhos, que evita incorrer em prolixidades e que tampouco se mostra incongruente com o escopo do discurso.

Leve-se em consideração as palavras de João Adolfo Hansen (2006):

Portanto, a alegoria, enquanto ornamentação do discurso, parte da disciplina retórica, tem como determinante o conceito de tropo a fim de realizar a transposição semântica de sentido: do sentido figurado, o qual se situa expresso no discurso, para o sentido próprio, aquele que permanece oculto por debaixo das ornamentações alegóricas. Esses jogos de transposições semânticas que a alegoria realiza, visando a construção do “bom” discurso retórico, tem como critérios de determinação a brevidade e a clareza. (HASEN, 2006, p.254)

É desse modo que a alegoria no Sermão de Santo António aos Peixes pode, e deve ser encarada como um recurso retórico que tão agudamente cumpri seu papel, metaforizando toda uma sociedade através da referência aos peixes, condenando, repreendendo e advertindo-os pela prática de seus vícios.

5.2 Linguagem e estilo no *Sermão de Santo Antônio aos Peixes*

A linguagem é outro recuso muito importante na construção deste sermão, principalmente pelo modo com que ela fora empregada. Assim, compreender como ela é concebida em Padre Antônio Vieira é um dos primeiros passos a serem tomados. Sirva de esclarecimento as palavras de Massaud Moisés (2008):

Entenda-se, todavia, que o singular orador jesuíta era barroco, mas não gongórico, porquanto propugnava pela dialética conceptista e insurgia-se contra excessos gongóricos. No “Prólogo do autor” que abre os Sermões, declara-o franca e habilmente. “Se gostas de afetação e pampa de palavras, e do estilo que chamam culto, não

leias. Quando este estilo mais florescia, nasceram as primeiras verduras do meu (que perdoarás quando as encontre) mas valeu-me tanto a clareza, que só porque me entendia, comecei a ser ouvido; e o começaram também a ser os que reconheceram o seu engano; e mal entendiam a si mesmos”. (MOISÉS, 2008, p.116 e 167).

Uma vez que o autor se autodeclara conceptista, não restando, portanto, nenhuma dúvida sobre isso, é preciso levar em consideração que sua abordagem, dar-se-á de modo a prestigiar raciocínios claros, amplo uso da razão e inteligência com o fito de convencer.

Como exemplo claro disso, tem-se já a maneira como os argumentos são dispostos pelo o orador. Ele sempre parte do geral caminhando em direção ao particular de modo a capturar a mente de seus ouvintes e conduzi-las a todos os pormenores que provam e imprimem confiabilidade aos seus raciocínios. Tome-se como exemplo o exato momento em que começa a elogiar as virtudes dos peixes, abre o canal discursivo desse momento elencando alguns atributos aprováveis que devem ser aplicados a toda a espécie; pois, “ foram eles (peixes) os primeiros a serem criados por Deus, conseqüentemente, os primeiros a serem nomeados; são os animais que existem em maior quantidade e maiores proporções; ouviram a Santo António enquanto que os homens de Arimino buscavam mata-lo; prestavam-se a salvar os ministros de Deus, a exemplo do peixe que engoliu Jonas e o depositara na terra para que pregasse a mensagem de Deus, e principalmente, não se deixavam domesticar pelos homens”.

É dessa forma que desce ao particular, quando enfatiza o peixe de Tobias cujo fel, segundo o orador, curava a cegueira, e cujo coração expulsava os demônios; a rêmora, que embora bem pequena, conseguia, contudo, determinar o rumo das naus, as quais metaforicamente aludiam aos pecados da vingança, cobiça e sensualidade. O torpedo, o fato de fazer tremer o braço do pescador, representando as virtudes do sermão de poder fazer tremer aqueles que indevidamente se apropriavam de bens alheios, e o quatro-olhos cujos aparatos visuais foram lhes concedidos em quantidades e em disposições, dois virados para o alto e dois virados para baixo, a ensinar aos pregadores sobre a importância de se libertarem das vaidades deste mundo e pensarem nas bem-aventuranças do mundo celestial, reforçando a dualidade céu-inferno.

É gerada no texto também, não de forma involuntária, uma espécie de paralelismo tanto com relação aos nomes dos oradores, quanto na similaridade evidenciada entre os dilemas enfrentados por eles, sugerindo por vezes uma sobreposição entre um e outro autor, conferindo ainda mais seriedade ao sermão. As frases ditas em latim vêm agregar ao texto, autoridade, mistério que era comum as coisas celestiais.

Padre Antônio Vieira, então mostra grande conhecimento e habilidade no uso de sua língua pondo em contraste seres e ambientes aparentemente tão distintos, aproximando-os por meio da exploração de metáforas, e comparações, quando seu sermão ganha vida na imaginação de seu público, sobretudo quando relaciona vocábulos de mundos diferentes, sugerindo uma profunda conexão que há de ser claramente explicitada pela transparência de suas construções oracionais.

De acordo com Ronaldo Vainfas (2011):

O modo de argumentar, a eloquência nas exortações, o uso de metáforas claras, o apelo emocional, tudo isso fazia do jovem inaciano uma estrela em ascensão. Os sermões de Vieira desde cedo, era um espetáculo de oratória barroca, teatralizada pelas modulações de voz e riqueza de imagens evocadas pelo pregador. (VAINFAS, 2011, p.50)

Sirva de exemplo o sermão tratado aqui:

O Polvo com capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles raios estendidos; parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham constantemente os Doutores da Igreja latina e grega, que o dito polvo é o maior traidor do mar. [...] se alguma rémora houve na terra, foi a língua de Santo António[...] está é a língua, peixes, do vosso grande pregador, que também foi rémora vossa[...] (Sermão de Santo António aos Peixes) (VIEIRA, 2019, p.100)

Todavia, o Sermão de Santo António aos Peixes não se restringe só ao uso de metáforas e comparações, pois uma análise, ainda que descuidada, já é o suficiente para detectar que muitas outras figuras dividem o mesmo espaço discursivo, tais quais antíteses evidenciadas em: *“traçou a traição às escuras, mas executou-a às claras”* gradações: *“O polvo é um monstro tão dissimulado, tão*

fingido, tão astuto, tão engenhoso, e tão conhecidamente traidor!!; paralelismo frásicos: “ Deixa as praças, vai-se às praias, deixa a terra, vai-se ao mar; numerações: “Também nelas há falsidade, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições” sem esquecer de falar, é claro, no recorrente emprego de frases exclamativas (e interjeições) pelo o orador: “oh, maravilhas do altíssimo! Oh, poderes do que criou o mar e a terra!; Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor; trato com eles, deus vos livre!

O sermão também apresenta grande recorrência de frases interrogativas e a apostrofes, visando claramente envolver o ouvinte ao que estava sendo dito, fazendo isso de forma a emocioná-los, arrebatando-os e muitas vezes provocando lágrimas; *“Com que rosto hei de aparecer diante do seu divino acatamento, se não cesso de O ofender? ” [...] dividirei, peixes, o vosso sermão em dois”.*

Desse modo é que também a linguagem fora empregada com fins retóricos, entendida por esta pesquisa como um elemento essencial no que diz respeito a construção da persuasão. Assim é que desde a riqueza vocabular, até a maneira como o padre joga com os sentidos das palavras, passando pela destreza com que constrói suas metáforas, a maneira como consegue se cirúrgico na construção e prova de seus argumentos, tudo isso confere ao sermão de Santo Antônio aos Peixes os ingredientes indispensáveis no que diz respeito ao um discurso retórico. Estando, nitidamente a linguagem nele empregado com fins de persuasão.

6 CONCLUSÃO

É bem verdade que o conhecimento pode ser encarado como uma arma do bem ao precisar libertação da ignorância e servir ao cultivo das boas virtudes, mas também pode ser visto como arma de destruição, caso a isso se preste, sendo seu fim último o exercício do mal, em qualquer que seja o caso, são as intenções e o que se busca objetivar com essas intenções que fará total diferença. Todavia, em se tratando de Padre António Vieira, ele deve mesmo (o conhecimento) ser compreendido como um grande aliado, não para fazer padecer e sim conduzir a salvação, isso é tão verídico que; como anteriormente tratado na sua biografia, a sua vida fora permeada por diversos combates contra todos e quaisquer tipos de corrupções e indignidades.

Não tendo sido poucas vezes rechaçado, quer estivesse tratando do assunto que se ligava ao trado dispensados aos indígenas, quer aos judeus e mesmos aos escravos. E era em todos esses casos que o orador punha todo seu cabedal cultura em linha de frente. Dizemos que seu texto é retórico, porque isso primeiramente se anuncia no enquadramento da sua produção, ao se acessar as finalidades de um sermão, compreende-se que ele tem como objetivo ensinar, convencer e moldar os comportamentos dos ouvintes aos quais se volta.

Uma vez que sejam esses os seus objetivos, logo há a necessidade de discursivamente lançar mão dos recursos que tornem o texto convincente, tais recursos que produzem no sermão a capacidade de ser persuasivo, portanto, devem ser encarados como recursos retóricos que todo orador que se preze se utilizará. Além do mais, especificamente sobre o Sermão de Santo António aos Peixes, ele consegue responder a todas as perguntas e os estímulos que somente um texto retórico conseguiria responder, desde a disposição estrutural, que fora feita como que a seguir os padrões detectados por Aristóteles quando de sua análise aos textos persuasivos de seu contexto histórico. Isso, contudo, não deve causar admiração, visto que já no sermão, o orador revela-se um conhecedor do trabalho do filósofo.

Passando pela maneira extraordinária com que faz saltar imediatamente diante aos ouvidos de seus ouvintes, o seu poderio argumentativo, quando no sermão de Santo António aos Peixes chegara ao ponto de quase diluir a fronteira existente que distingue homem e peixe. O mesmo ocorrendo também em relação ao

contraste entre os dois ambientes (terra e mar) que foram tão aproximados no discurso do padre de maneira a irromper na imaginação dos ouvintes interjeições de surpresas e perplexidade. A finalizar pelo suporte e ar de confiabilidade conferido ao seu discurso pela sua atuação e vida.

Inevitavelmente, há de se reconhecer que nada no Sermão de Santo Antônio aos Peixes foi empregado fora de sistema, ou sem propósito, por modo que viesse a se esquivar das finalidades do sermão. Uma vez que nada fora relacionado a ele que não obedecesse a uma lógica argumentativa aguda cujo principal objetivo era convencer, influenciar, ensinar, neste caso especificamente a sociedade maranhense de sua má conduta, pode se dizer então que, portanto, tudo fora ali construído como fins retóricos, assim, o uso da alegoria, o emprego da linguagem, padrões sintáticos tão modernos, a exploração de figuras de linguagem todos esses fatores devem ser entendidos como elementos que geram a persuasão dentro do universo discursivo, ou seja, no texto propriamente dito.

Os outros elementos que extravasam o universo textual, tais quais aqueles que se relacionavam diretamente a conduta do orador, tendo obrigatoriamente que ser quanto à exemplaridade irrepreensível e impecável na observação dos princípios cristãos, juntar-se-á também a isso todo o aparato que é inerente ao ato da elocução, como estatura, vestimenta, voz, gesto, postura, entonação, e que infelizmente não pode ser recuperado pelo texto, posto que como interpreta Massaud Moisés (2008): “a oratória, como o teatro, reside menos no texto, que na ação exercida na tribuna, púlpito ou palco” é assim que todos esses elementos desempenham seus papéis na construção do sermão persuasivo, devendo ser todos encarados como recursos retóricos aos quais o padre recorreu para criar persuasão.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Emília. **Novas palavras 2º ano...** (et al).- 3º ed.-São Paulo: FTD, 2016.- (Coleção novas palavras)

ARISTÓTELES, **Retórica** 2ª ed., revista. Revisão do texto, Levi Condinho:2005

CARVALHO, MV. **Vieira e a alegoria dos teólogos e do Renascimento**. In: MEDEIROS, A., org. Travessias pela literatura portuguesa: estudos críticos de Saramago a Vieira [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 207-240. ISBN 9788578792794. Available from SciELO Books. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8n8gb/pdf/medeiros-9788578792794-10.pdf>. Acesso em: 20.02.2020. Às 19:30.

CASTRO, Anibal Pinto. **Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do humanismo ao Neoclassicismo**. Centro de estudos Românticos, 1973.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. – 16 ed. –São Paulo: Ática, 2004.

FREITAS, Jorge de. Considerações sobre a alegoria, a partir de João Adolfo Hansen em alegoria: construção e interpretação da metáfora. Revista Versalete. Curitiba, Vol. 2, nº 3, jul.-dez. 2014 ISSN: 2318-1028. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol2-03/249JorgeDeFreitas.pdf>. Acesso em: 20.02.2020. Às 15:30h.

HANSEN, João Adolfo. **Alegoria-construção e interpretação da metáfora**. São Paulo, SP: iletra: Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

MARTINETE, Marcus. **As chaves do Paraíso. Profecia e alegoria na obra de Padre Antônio Vieira**. UFSM-RS: 2011, p.152.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa** - São Paulo: Cultrix, 2008.

VIEIRA, Antônio. **Sermões escolhidos/ Padre Antônio Vieira**.- Jandira, SP: Principis, 2019

VIEIRA, Padre Antonio. **Sermão de Santo Antonio**. NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf>. Acesso em: 15.03.2020. Às 8h.